



ENTREVISTA  
JOÃO CARLOS MARTINS

# A MÚSICA VENCEU

O grande intérprete de Bach quer democratizar a música e levá-la para todos os segmentos da sociedade: “Quando me apresento na favela me sinto o Elvis Presley”

Por Carlos Costa  
Fotos Jefferson Dias

**E**xecutado pela Filarmônica Bachiana Sesi SP como último bis do concerto de abertura da temporada 2010 na tarde de 7 de março, o Hino Nacional Brasileiro ganhou ares de fantasia jazzística, com breve citação da protofonia do *Guarani*, de Carlos Gomes. Sob intensos aplausos da plateia, que não se intimidara em bater palmas no intervalo entre os movimentos da Sinfonia n.º 4 de Tchaikovsky (peça forte do programa), mais um sonho de João Carlos Martins se concretizava. Pianista e maestro, ele já foi empresário de boxe, é hoje educador de mão cheia, descobridor de talentos, piadista e... torcedor da Portuguesa de Desportos.

Nascido em São Paulo em 1940, herdou do pai português, José Martins, a paixão pelo piano. O filho João Carlos realizou o desejo paterno: uma operação malsucedida para tirar um quisto na garganta, aos 5 anos, deixou o futuro intérprete de Bach preso em casa por longa temporada – o pai comprou um piano, e o resto é história. João caiu nas graças da crítica por suas performances intensas. Mesmo com a conhecida sequência de adversidades com as mãos, que finalmente o impediram de tocar, gravou a obra completa de Bach para teclado – e acompanhou grandes or-

questras mundo afora. Impossibilitado de seguir tocando, vendeu os pianos; tornou-se empresário do boxe; se meteu em política. Andou sem rumo até as mãos reencontrarem as teclas do piano, numa determinação que inspirou a diretora Irene Langemann a realizar o documentário *Martins Passion*, vencedor de quatro festivais. Em maio de 2004, regia a English Chamber Orchestra na gravação dos Concertos de Brandenburgo, de Bach. A música vencia, como diz a camiseta que costuma usar. Reger a Filarmônica Bachiana é o troco de realizar o sonho de conquistar, pela música, jovens da periferia de São Paulo, adotados como instrumentistas. O resultado desse trabalho de superação – e de levar outros a superarem dificuldades – o está transformando num artista pop. “Quando me apresento na periferia, me sinto um Elvis Presley”, diz rindo. Em 2011, a escola de samba Vai-Vai levará sua história para a passarela com o enredo A Música Venceu. Chegando aos 70 anos, João Carlos fala tranquilo: “Minha história é apenas a de um cara que perdeu as mãos para o piano, que era o ofício dele, nada mais”. Para esta entrevista, ele convidou a reportagem de *Getúlio* para “um almoço em sua casa, um de seus costumes. A seguir trechos da conversa.



## Não foi o regime Vargas que usou o Villa-Lobos, ele que usou o Getúlio para conseguir, por exemplo, reunir vinte mil vozes

**Gostaria que o senhor falasse de alguns personagens. Começando pelo Eleazar de Carvalho.**

**João Carlos Martins** Era um homem de personalidade forte e extremamente severo. Meus pais me levaram para eu tocar para o Eleazar aos 12 anos. Ele escreveu no livro de ouro: “Você fará a sua estréia como pianista sob a minha regência dia 24 de agosto em 1953”. E me levou para tocar, toquei muito com ele.

**Ele tinha mesmo um senso de humor terrível?**

**João Carlos Martins** Em 1965, o presidente Castello Branco, o Roberto Campos e o Otávio Gouveia de Bulhões convocaram o Eleazar para criar a Orquestra Sinfônica Brasileira. “Perdão, senhor presidente, mas primeiro fale eu. O senhor sabe que o Brasil tem um litoral enorme e que somos 80 milhões de brasileiros [risos]. Se colocarmos esse povo em fila no nosso litoral e o senhor disser: ‘Quem gosta de música dê um passo à frente’, uns 60 milhões darão, considerando também os que gostam de música popular. ‘Quem gosta de clássicos?’ Uns 3 milhões darão um passo à frente. ‘Quem toca algum instrumento?’ Talvez 1 milhão. ‘Quem toca em orquestra clássica e pode reger?’ A situação difícil. Uns vinte. ‘Quem já regu-

a Filarmônica de Chicago, Viena, Paris, Londres?’ Então só eu darei um passo à frente. O senhor está me convidando para que mesmo?” [Risos.]

**Ele não perdoava ninguém.**

**João Carlos Martins** Quando estava trabalhando com música moderna na Orquestra de Saint Louis, um timpanista para protestar foi ensaiar de sunga. Eleazar ficou possesso e expulsou o cara. “Você está fora da orquestra”. Quando o ensaio acabou, ele procurou o músico. “O senhor jamais pise em Saint Louis, no entanto sou regente da Orquestra do Rio de Janeiro e lá faz muito calor.”

**O Eleazar não teve o devido reconhecimento.**

**João Carlos Martins** Se ele tivesse contado com os recursos da Osesp, seria a melhor orquestra do mundo. Depois da morte dele trouxe o seu filho, Sergei Eleazar de Carvalho, para morar comigo. Ele está com 30 anos e possui o talento do pai. É o meu assistente e será o maior regente do Brasil.

**Naquela época existia uma movimentação de elite que talvez não tenha mais.**

**João Carlos Martins** O público de concerto no pós-guerra era incrível. Nos anos 50 vinham para cá os maiores

artistas do mundo. Depois passou por uma fase como acontece com a torcida da Portuguesa. Foram morrendo os portugueses, a torcida diminuiu. Mas agora acontece uma ascensão. A música é a régua do mundo. Quando um governo vai bem, se diz que está funcionando como uma orquestra. Se um time está jogando bem, joga como música.

**Villa-Lobos foi estigmatizado e associado à ditadura. O que o senhor diz?**

**João Carlos Martins** Um gênio como Villa está acima da ditadura. Não foi o regime Vargas que usou o Villa, ele que usou o Getúlio para conseguir, por exemplo, reunir vinte mil vozes. Usou a ditadura em nome da música. Quais foram os dois artistas mais estigmatizados nos anos 40 e 50? No clássico, Villa-Lobos, na música popular a Carmen Miranda. Porque foram maiores que tudo.

**Fale das grandes brasileiras Bidu Sayão e Guiomar Novaes.**

**João Carlos Martins** Quando comecei a carreira nos Estados Unidos era um garotão e saía para passear com a Guiomar pelas ruas da cidade. Ela olhava a calçada e dizia: “Como é bonita Nova York, parece ter brilhantes nas calçadas”. O Nelson Freire conta uma história ótima. Toda vez que eles se encontravam, ela perguntava: “Como vai aquela pianista argentina fantástica? Como é o nome dela mesmo?” [risos]. E ele respondia: “Martha Argerich”. Passava um tempo, eles se reencontravam: “Como vai aquela pianista argentina maravilhosa? Qual é o nome dela mesmo?” Isso durou uns três anos. Um dia Guiomar diz: “Nelson, como vai a Martha Argerich?” “Está ótima.” “De que país ela é mesmo?” [Risos.]

**A Argerich foi a pedra no caminho do Arthur Moreira Lima?**

**João Carlos Martins** Aconteceu com ele o mesmo que aconteceu com Diego Hipólito quando, no último momento, perdeu a medalha olímpica. Durante todo o Concurso Chopin em Varsóvia, o Arthur sempre esteve em primeiro lugar; a Martha atrás dele. No último concerto de Chopin, ele teve um pequeno esquecimento. Ele foi para o 2º lugar e a Martha ganhou por diferença de décimos. Mas hoje o Arthur está feliz da

vida: comprou um caminhão e roda pelo Brasil se apresentando em aldeias de índios, em praça pública. Ele vai estourar a boca do balão no Lincoln Center, no dia 19 de setembro, como meu solista.

**E a Bidu Sayão?**

**João Carlos Martins** A Bidu cantando *La Bohème* nos Estados Unidos era como o Pelé no futebol. Os americanos a idolatravam. Foi a melhor Mimi da história da composição de Puccini.

**E o Nelson Freire?**

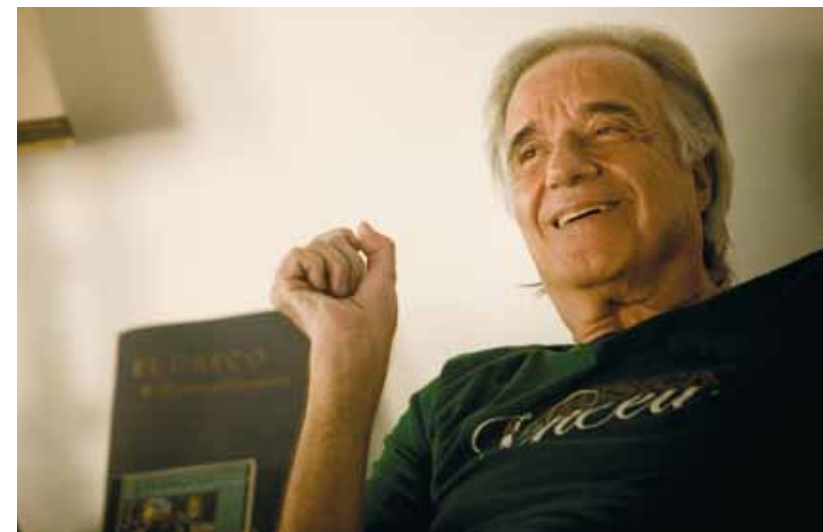
**João Carlos Martins** É o pianista que está em melhor forma do ponto de vista técnico e no bom gosto no fraseado. Melhor até que sua grande amiga Martha.

**E quem é o melhor maestro brasileiro depois do Eleazar?**

**João Carlos Martins** Temos quatro regentes com pique internacional. O Isaac Karabtshevsky, o John Neschling – e São Paulo deve muito a ele pelo trabalho na Osesp –, Roberto Minczuk e o Fábio Mechetti. Dos quatro, o Karabtshevsky é o que possui melhor bagagem.

**E como foi sua história de trabalhar como empresário de boxe?**

**João Carlos Martins** Foi quando sofri meu primeiro acidente, com 26 anos. Estava jogando futebol no Central Park com o time da Lusa, e em uma jogada caio e entrou uma pedrinha no meu braço, perto do cotovelo. Tinha rompido o nervo ulnar e começou a atrofiar a mão. Os médicos me disseram que não iria tocar nunca mais. Revoltado, voltei ao Brasil e vendi todos os pianos. Quería trabalhar em qualquer coisa desde que nunca mais ouvisse falar em música. Encontrei o Éder Jofre em um elevador. Disse que ele precisava recuperar o título mundial de boxe para o Brasil e que se ele quisesse seria o seu empresário. “João, já estou com 37 anos.” No dia seguinte me ligou. “Vou começar a treinar.” Eu não sabia nada de boxe. Vou fazer curta uma história longa: um ano e meio depois ele recuperou o título e um ex-pianista era o empresário. Quando o juiz entregou o cinturão e o sagrou campeão pensei comigo: “O Eder Jofre recuperou o título mundial e eu sou um covarde porque não tentei o piano de novo”. A força de vontade do Éder me fez voltar.



## A Bidu Sayão cantando *La Bohème* nos EUA era como o Pelé no futebol. Os americanos a idolatravam. Foi a melhor Mimi da história

**E como foi essa volta?**

**João Carlos Martins** Foram oito anos incríveis. Gravei metade das obras de Bach. Toquei no Carnegie Hall abarrotado. E quando estava novamente no auge adquiri LER [lesão por esforço repetitivo], que me fez parar mais uma vez e foi quando me envolvi com política. Liguei-me ao Paulo Maluf em 1980 porque achava que nunca voltaria ao piano e também porque acreditei que, como secretário de cultura, poderia realizar uma política cultural forte. Me decepcionei, o Maluf me largou de mão.

**Ele não foi um amigo fiel?**

**João Carlos Martins** O Caso Pau-Brasil foi terrível. [Escândalo ocorrido em 1993, quando a Receita e a Procuradoria da República descobriram doações ilegais à empresa Pau-Brasil Engenharia. Recursos não declarados foram destinados ao financiamento da campanha política de Paulo Maluf.] Maluf me abandonou completamente. A imprensa caiu matando. Minha sorte foi que a minha secretária guardou todos os documentos e notas fiscais. Dos 19 milhões de dólares arrecadados só não consegui provar 25 mil. Quando o STJ deu a sentença definitiva me inocentando, saiu apenas uma noticiuzinha de rodapé num jornal. Foram o Antônio

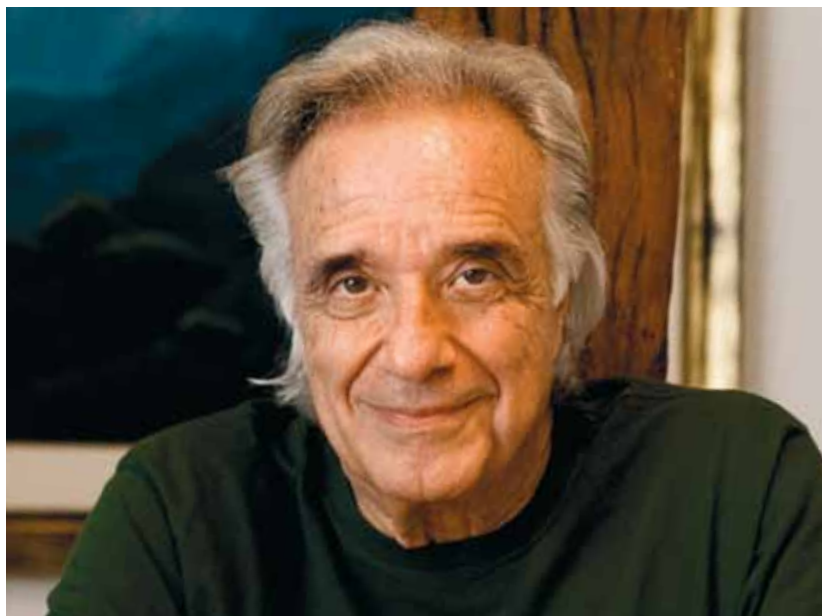
Ermírio e o Roberto Marinho, com a Globo, que levantaram a minha bola.

**O senhor guarda alguma mágoa?**

**João Carlos Martins** Encontrei o Maluf três vezes nos últimos dezesseis anos: uma vez em um casamento e duas vezes em velório. Cada um seguiu um caminho. Se eu tivesse tido maturidade teria começado a reger desde aquele período.

**E o senhor mais uma vez conseguiu se superar.**

**João Carlos Martins** Fui para a Bulgária realizar um concerto e continuar a gravar a obra de Bach. Saindo do estúdio em Sofia, fui assaltado e reagi. Fui atingido com uma barra de ferro na cabeça. O resultado: lesão cerebral, oito meses internado no Jackson Memorial Hospital, nos Estados Unidos, com o lado direito do corpo comprometido. Desenvolvi uma doença chamada contratura de Dupuytren, que afeta os dedos. Fui para Miami e comecei um trabalho de reprogramação cerebral, tentando programar outra área do cérebro para comandar as mãos. Em um ano tinha conseguido. Voltei e terminei a obra completa de Bach. Mas sentia muitas dores por causa dos espasmos. Convivi com isso



durante dois anos, dores intensas. Veio o veredicto dos médicos: teria de cortar o nervo. Continuará a ter os espasmos, mas não sentiria dor. [Mostra o espasmo.] Era como uma faca me perfurando. Em 1988, em Londres, telefonei para os médicos e disse: “Esse será o último concerto de minha vida”.

#### E foi o último?

**João Carlos Martins** Com as duas mãos, foi. Depois comeci uma fase nova como pianista, só com a mão esquerda e segui me apresentando. Gravei o *Concerto para a mão esquerda*, do Maurice Ravel. Em 2002, desenvolvi um tumor e novamente os médicos avisaram que era o fim da linha como pianista. Tinha perdido a mão esquerda também.

#### E aí o Eleazar de Carvalho apareceu em sonho?

**João Carlos Martins** Ele me chamava de Jeão. Sonhei que tocava com o Eleazar [falecido há cinco anos] e não conseguia acertar nenhuma nota. “Jeão, vem estudar regência comigo.” No dia seguinte as 7 da manhã estava na porta da faculdade para estudar, mas fiquei pouco tempo. Prefiro ter aulas particulares com o Abel Rocha e o Júlio Medaglia. Para fazer curta uma história longa: seis meses depois estava regendo a *Quinta Sinfonia* de Beethoven no Pelourinho, em Paris e Bruxelas. A pior coisa que me aconteceu na vida

foi perder as mãos para o piano, mas também a melhor.

#### Por que abriu outro horizonte?

**João Carlos Martins** Conto uma história: o irmão do Nobel morreu e um jornal publicou, por engano, um longo obitúrio de Alfred Nobel. Ao ler, Nobel ficou horrorizado, pois era descrito como o homem que inventara a dinamite e um mesquinho que só se preocupava em ganhar dinheiro. “Essa é a minha biografia”? Foi então que criou o Prêmio Nobel e mudou o final de sua história. Um dia, assistindo ao noticiário, ouvi a Lilian Witte Fibe se referir a mim como “aquele pianista do Pau-Brasil.” Poxa, eu gravei toda a obra do Bach e acabo chamado de “pianista do Pau-Brasil”? Esse é o meu legado? Me dediquei à música para valer, estudei regência e resolvi: deixarei um legado na educação e no trabalho social que realizo.

#### O Glenn Gould era um louco ou um gênio?

**João Carlos Martins** Foi o maior gênio da música do século XX. Melhor que o Igor Stravinsky, Prokofiev, Villa-Lobos.

#### Mas na terceira gravação das *Variações Goldberg*, de Bach, ele toca cantarolando...

**João Carlos Martins** É o jeito dele. Em algumas gravações eu também cantarolo. Não o conheci pessoalmente,

**Um casal de 73 anos me viu no Programa do Faustão e decidiu realizar um trabalho social. A Dilma me disse, com os olhos cheios de lágrimas: “A tua história me ajuda”**

apenas uma vez ele me ligou e conversamos quatro horas.

#### Quando o senhor inaugurou o Memorial Glenn Gould, em 1982, ele já havia morrido, certo?

**João Carlos Martins** É, fui recebido com frieza pelo público. Lembrei-me do jogador Julinho [o ponta substituiu Garrincha e foi vaiado no Maracanã. Ferido em seus brios, marcou o primeiro gol]. Me prometi: essa será a noite da minha vida!

#### E marcou um golaço?

**João Carlos Martins** Dei 14 bis. Fui o Santos Dumont no Glenn Gould Memorial [gargalhada].

#### Como é seu trabalho com a Bachiana Filarmônica do Sesi?

**João Carlos Martins** Comecei a lutar para montar a orquestra há cinco anos. Os músicos ganhavam cachê só por apresentações e as bolsas dos jovens eu tirava do meu cachê. Tive uma ideia engenhosa: cada sindicato poderia adotar um músico. Fui ao presidente da Fiesp e perguntei se adotariam o primeiro músico. Ele ficou de pensar e em dois dias o Paulo Skaff telefonou. “Infelizmente não posso adotar um músico [pausa]. Mas topo adotar a orquestra inteira [risos].” Depois de cinquenta anos o Brasil volta a ter uma filarmônica da iniciativa privada. Ela estreou no dia 7 de março na Sala São Paulo, com 20

**Ouvi o comentário da Lilian Witte Fibe e pensei: Poxa, eu gravei toda a obra do Bach e acabo chamado de ‘pianista do Pau-Brasil’? Esse é o meu legado?**

dos melhores músicos do Brasil e 45 jovens que progrediram imensamente nos últimos cinco anos.

#### E como é trabalhar com esses jovens?

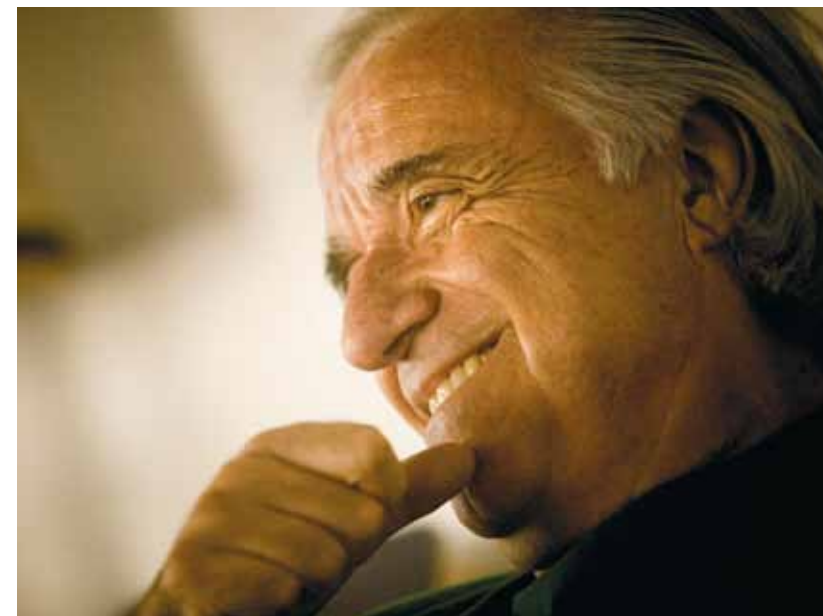
**João Carlos Martins** Há quatro anos um jovem violinista me pediu 10 reais. Perguntei para quê? “Estou com fome.” Você nunca mais vai pedir 10 reais na vida, vou batalhar para formar uma orquestra jovem com bolsas de estudos. Dois anos e meio e o Wagner de Souza tocou comigo no Carnegie Hall. Hoje são 800 crianças e 7 diamantes que precisam ser lapidados. O tenor Jean Willian, um violinista de dez anos, uma cantora, um violinista de 14 anos, um pianista de Porto Alegre.

#### E qual a lição que ensina a eles?

**João Carlos Martins** A vida é feita com a disciplina de um atleta e alma de um poeta. Por exemplo, como não consigo virar as páginas da partitura sou obrigado a reger de memória. Acordo às 5 da manhã e, por três horas, fico memorizando partituras. Para cada aluno estabeleço uma meta. Quanto tempo você pode estudar por dia? Então o aluno precisa cumprir rigorosamente a meta. Tudo na música ou é fácil ou é impossível, nunca difícil.

#### E a alma do poeta?

**João Carlos Martins** Gosto de contar a história de um cego em Paris que



tinha uma placa: “Ajude-me que sou cego”. Poucas pessoas o ajudavam. Pas-sou um poeta e escreveu algo na placa. Tudo mudou. Curioso, perguntou a um amigo. “Por que todos me ajudam agora?” “Porque está escrito na placa: ‘É primavera em Paris e eu não posso ver as flores’.”

#### Em três anos, mais de 2 milhões de espectadores em performances ao ar livre, 900 mil em recinto fechado, convites da TV: o senhor se tornou um maestro pop?

**João Carlos Martins** Da mesma forma que me apresento no Carnegie Hall ou na Sala São Paulo, vou também para as favelas. Quero democratizar a música e levá-la para todos os segmentos da sociedade. Quando me apresento na favela me sinto o Elvis Presley. O artista adora aplauso. Quando fui destaque da escola de samba Vai e Vai e todos me aplaudiram foi uma experiência maravilhosa.

#### Se o senhor só pudesse tocar uma única peça, qual seria?

**João Carlos Martins** Bach foi um computador com alma. O Bill Gates pode tentar fazer o melhor, mas ninguém conseguirá ter um computador com alma. A música dele é matemática, mas tem alma. [Caminha até o piano e toca o 2º Movimento do Concerto em Fá Menor de Bach. Erra.] Deixa começar de novo, mudei o dedilhado. Tive de

fazer uma aplicação de botox na mão [insiste generosamente com a Rêverie, de Schumann]. Cada nota chega ao coração de quem está ouvindo. [Dá uma piscadela.] Tenho certeza.

#### Qual a primeira música que chegou ao seu coração?

A resposta vem em música: João Carlos toca o minueto do Pequeno Livro de Ana Madalena Bach.

#### Qual é seu sonho agora?

**João Carlos Martins** Fazer mil orquestras no Brasil. Estou em conversas e negociação para montar um grupo de 350 alunos. De 350 podemos encontrar 3.500 com predisposição para a música. Mas a ideia é realizar esse projeto em cidades onde nunca existiu orquestra.

#### Mas o senhor irá se contentar com isso?

**João Carlos Martins** [pensativo] Meu problema em comparação com uma pessoa que perdeu a visão ou as pernas não é nada. Hoje tenho uma exposição muito grande, recebo milhares de e-mail de pessoas que já pensaram em desistir da vida, pois perderam as esperanças, e mudaram inspiradas por mim. Isso aumenta minha responsabilidade. Um casal do Recife, que chegara aos 73 anos, quando me viu no Programa do Faustão, começou a chorar e decidiu realizar um trabalho social. A própria Dilma Rousseff me

## Encontrei o Maluf três vezes nos últimos dezessete anos: uma vez em um casamento e duas vezes em velório. Cada um seguiu um caminho

disse, com os olhos cheios de lágrimas: “A tua história me ajuda”.

### O senhor irá votar na Dilma?

**João Carlos Martins** Estarei com 70 anos e não precisarei votar. Depois do caso Pau-Brasil, não me envolvi com política. Conheci o presidente Lula, pois me convidaram para realizar um concerto no seu aniversário. Na oportunidade disse abertamente ao filho do presidente: “Não votei no seu pai e pode dizer isso a ele. Mas fala também que tenho de admitir que ele é uma das duas pessoas mais importante para a música no Brasil”.

### E qual é a outra?

**João Carlos Martins** Getulio Vargas, pois atendeu o pedido do Villa-Lobos e colocou a música na escola, com o canto orfeônico. E em 2011, a música voltará à escola porque o Lula assinou uma lei. Em cinco anos a criminalidade será menor no Brasil porque a música volta às escolas. Virei macaca de auditório do Lula [risos].

### Qual foi seu momento de plenitude?

**João Carlos Martins** Em 2008 ia me apresentar no Carnegie Hall. Na primeira parte do programa seria o regente e, na segunda, o pianista executando Mozart com três dedos. Em uma entrevista prometi que se o concerto fosse um sucesso, daria o bis tocando o *Hino Nacional* com todos os ritmos do Brasil. O teatro estava lotado. Foi um sucesso. Cumpri a promessa e executei o hino. Quando olho para a plateia vi várias bandeiras brasileiras se agitando. Foi o momento mais forte da minha vida. Posso contar essa história dez mil vezes e toda vez sou tomado pela emoção.

### O senhor fez inimigo ao longo da carreira?

**João Carlos Martins** Não tive inimigos na música. Mas também sou homem de atitudes firmes. Sou convidado para tocar em todos os Estados do Bra-

sil. Mas não sou convidado para o Festival de Campos de Jordão. Comentei isso para o secretário adjunto Ronaldo Bianchi, que depois me repassou um e-mail da Comissão do Festival. “A programação 2010 está fechada, mas se o senhor tiver interesse em participar em 2011, favor enviar, junto com a inscrição, um currículo para avaliação.” Respondi: nem ontem, nem hoje e nem sempre, a Orquestra Bachiana e eu pediríamos uma avaliação do Festival de Campos de Jordão. É mais fácil eu avaliar a comissão que ela a mim.

### Ótima resposta. E que pessoas outras foram importantes, fora o maestro Eleazar de Carvalho que o visita em sonhos e dá conselhos?

O meu pai. Quando estava com 36 anos foi atacado por um câncer violento. Deram seis meses de vida. Ele morreu aos 102 anos e de acidente. O Antônio Ermírio de Moraes foi generoso comigo. O Gilberto Dimenstein ajudou a reformular muitas coisas e sou agradecido ao Jô Soares, por ter me ajudado muito na minha volta.

### E quem mais?

**João Carlos Martins** O Salvador Dalí. Em 1970 dei um concerto em Nova York e fui jantar no Russian Tea Room, ao lado do Carnegie Hall. Ali estavam o Dalí, a Gala e a Mia Farrow. Dalí me disse: “Diga para todo mundo que você é o maior intérprete de Bach da história. Pode demorar 20 ou 30 anos, mas fique dizendo sempre. Um dia vão acreditar. Eu digo que sou o maior pintor do mundo há 20 anos e já tem gente que acredita” [risos.] Uma revista inglesa escreveu que não precisei esperar 30 anos. Toda pessoa quando nasce é como uma flecha que é lançada. Ela pode sair do percurso e algumas vezes a gente mesmo tem de corrigir o percurso, mas certamente vai atingir o alvo. [Mostra a camiseta] Por isto essa frase faz sentido. “A música venceu.”



ENTREVISTA



# CEAG

A pós em Administração da GV.

Há 40 anos o CEAG prepara os melhores profissionais para a tomada de decisões nas organizações.

Faça CEAG e destaque-se no mercado de trabalho.

**ACESSE:** [www.fgv.br/ceag](http://www.fgv.br/ceag)

ou ligue (11) 0800-770-0423

Inscrições para São Paulo (FGV-EAESP) e Campinas (parceria FGV-EAESP/UNICAMP)



Parceiros:

